

O GROTESCO – uma análise do vídeo “O Banquete” de Anna Natale

Amanda Nascimento¹

Palavras-chave: Grotresco, Semiótica, Leitura de Imagem, Vídeo.

Resumo: O presente artigo foi escrito para apresentar o projeto de pesquisa homônimo no III Seminário de Iniciação Científica da UDESC. Com o objetivo de estudar o Grotresco como forma de expressão presente em diversas mídias como vídeo, cinema, TV, pintura entre outros, pretende-se através de uma oficina realizar pré e pós-testes num grupo de pessoas, que comparados possibilitarão uma análise profunda dos resultados.

“... a criação do grotresco pode surgir na visão de quem sonha, de quem devaneia, de quem exprime uma visão desencantada da existência, assimilando-a como um jogo de máscaras ou uma representação caricatural. Desta maneira, pode assumir formas fantásticas, horroríficas, satíricas ou simplesmente absurdas”.
(Sodré e Paiva)

Em 1986 quando o filme Labirinto foi lançado eu tinha 8 anos de idade. Assisti encantada uma menina que tinha o irmão mais novo levado por duendes a uma terra onde nada era impossível. Para resgatar o bebê ela tinha 13 horas para encontrar a saída de um labirinto ou seu irmãozinho se tornaria um duende para sempre. No caminho ela encontra, entre outros personagens fantásticos, dois guardas. Um sempre diz a verdade e o outro sempre mente. Como em todo conto de fadas, no fim a menina e o bebê voltam para casa sãos e salvos. Uma cena, porém, me acompanhou por toda a vida: o baile onde Sarah dança com o rei dos duendes, interpretado por David Bowie.

¹ Amanda Nascimento possui graduação em Desenho Industrial – Habilitação em Programação Visual (2000), pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, especialização em Marketing e Propaganda (2001) pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Trabalha na área de Design Gráfico há mais de 6 anos com atuação principalmente no desenvolvimento de projetos de Identidade Visual. Aluna do Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, desenvolve pesquisa orientada pela Prof^a Dr^a Sandra Regina Ramalho e Oliveira.

Quase 20 anos mais tarde, quando escolhia a música com a qual eu entraria no meu casamento essa cena me voltou à memória. E assim estava escolhida “As the world falls down” como trilha sonora da minha entrada no grande dia.

Nunca havia parado para pensar em porque esse filme havia me marcado tanto.

Numa noite qualquer, insone procurava alguma coisa na TV. Parei em uma imagem de uma moça de cabelos azuis. Era o vídeo “O Banquete” que passava na reprise do programa Oficina de Vídeo da Sesc TV. Pulei da cama e anotei o nome da autora: Anna Natale. Consegui através da Internet o contato e após alguns e-mails consegui a sua autorização para o projeto que proponho agora. Uma leitura semiótica do vídeo feito com ilustrações em aquarela sobre o poema de mesmo nome.

O que teriam em comum um filme de 1986 e um trabalho de conclusão do curso de Design Gráfico feito em 2004?

Segundo alguns autores a maior característica do Grotesco é a deformidade. Para outros é o estranhamento. Seja ele fruto de imagens onde a sexualidade, a violência ou algum outro tema “chocante” seja trabalhado até o limite do exagero. Na minha (crua ainda) opinião, o Grotesco é na verdade a busca, ou melhor, a aceitação do imperfeito. Contrariamente ao ideal estético que desde a Antiguidade prega a dominância do belo sobre o feio sendo a beleza por vezes tomada como sinal de bondade e a feiúra como maldade; o Grotesco é humano. E como tal exhibe nossas maiores necessidades naturais materiais: comida, bebida, sexo/prazer (quase sempre acobertadas ou desvalorizadas em relação às necessidades espirituais).

Os autores SODRÉ e PAIVA (2002, p. 18) afirmam:

o belo é, desde o antigo grego, ora a expressão de uma simetria ou de uma conciliação entre contrários, ora uma tensão especialmente mantida entre coisas opostas. (...) O feio (tradicionalmente identificado ao "mau", assim como o belo era tido como "bom"), por sua vez, não é um simples contrário do belo, porque também se constitui em um objeto ao qual se atribui uma qualidade estética positiva. Ou seja, se retirarmos do belo um traço positivo que o constitui como tal (por exemplo, a proporção ou a harmonia), não produzimos automaticamente o feio. Esta última qualidade tem seu modo específico de ser, requer uma produção particular, que não é o puro negativo do belo.

(Recentemente pudemos ver um exemplo da antítese belo X feio sendo o belo = bom e feio = mau no filme "300" de Zack Snyder inspirado nos quadrinhos de Frank Miller onde o personagem que nasceu imperfeito e deveria ter sido morto, por piedade de sua mãe é salvo e vive marginalizado. Mais tarde ele encontra com o Rei Leônidas e pede para ser incorporado ao exército. Tendo seu pedido negado por conta de sua deformidade física que o impediria de lutar, ele se revolta e trai seus conterrâneos levando o inimigo Xerxes a um caminho alternativo por onde esse cerca o exército espartano vencendo a Batalha das Termópilas. Ou seja, o deforme personagem é além de feio, traidor. E o Rei além de belo e perfeito, é nobre e morre por seu povo.)

NATALE (2004) afirma que *ser grotesco não é sinônimo de ser feio, mas facilmente pode ser repulsivo, como nos perfis desenhados por Leonardo Da Vinci em que aparecem rostos humanos com características de animais. Isso provoca estranhamento porém torna bela sua força de expressão.* Mais adiante a autora segue: *o grotesco é uma forma de expressão constante na humanidade e podemos encontrá-lo tanto na mitologia quanto na arte arcaica de inúmeros povos, é uma forma de expressão que continuou e continua se desenvolvendo, evoluindo.*

Nenhuma razão é mais determinante ao estudo pretendido que a humanidade do Grotesco. Estudá-lo, conhecendo e compreendendo seus elementos formadores é estudar o ser humano. Sem disfarces, sem rodeios, despido de valores impostos pela sociedade. Segundo BAKHTIN (2002, p. 39) *o grotesco não foi compreendido nem apreciado de acordo com seu valor, nem encontrou um lugar no sistema estético.*

Além disso, estando o Grotesco presente em diversas mídias fica claro que DAPesquisa, Florianópolis, v.2, n.4, p. 156-161, 2007.

existe uma constante atividade relacionada a ele, ainda que ilegítima pela teoria da arte; desde as figuras mitológicas metade homem, metade animal até os cliques de Marilyn Manson, o Grotesco passou por mudanças e por períodos de maior ou menor interesse mas (diferente de outros estilos artístico/literário/arquitetônico/visual que tiveram seu surgimento, ápice, declínio e morte) nunca deixou de existir. *Nos fins da Antiguidade, o tipo de imagem grotesca atravessa uma fase de eclosão e renovação, e abarca quase todas as esferas da arte e da literatura. Aparece então, sob a influência preponderante da arte oriental, uma nova variedade de grotesco* (BAKHTIN, 2002, p. 28). Segundo Denis de Moraes em sua crítica ao livro "O império do grotesco" de Muniz Sodré e Raquel Paiva *poucos estudos abordam em profundidade a crescente prevalência dos padrões escandalosos nos produtos da comunicação.*

Sendo assim, o projeto proposto visa traçar a história, a evolução, as mudanças ao longo do tempo e descobrir em que ponto está na atualidade esse enigma que é o Grotesco para que o mesmo seja utilizado pelos interessados com maior base teórica e assim seja levado ao público de maneira fiel e com a finalidade de valorizá-lo ou pelo menos compreendê-lo.

Pretende-se também pesquisar sobre a beleza na arte, o belo x o feio, afastamento x proximidade, o prazer e o desprazer na arte contemporânea derrubando preconceitos adquiridos desde a Grécia antiga sobre o que é belo e o que não é e assim contribuir para uma maior compreensão não só do Grotesco mas da arte contemporânea em si.

O projeto proposto se justifica no fato de que em nossas vidas cotidianas somos rodeados por imagens. Conscientemente ou não elas têm um papel importante em nosso ambiente, em como nos relacionamos com ele, e por vezes até em nosso humor. O poder de uma imagem é tão grande que mesmo não estando num bom dia, ao nos depararmos com uma criança sorrindo numa propaganda qualquer, esboçamos sem querer um sorriso. O contrário também é verdadeiro. Podemos estar em um alegre estado de espírito que ao encararmos uma cena de guerra ou de tragédia na TV imediatamente sofremos o impacto de tal visão.

Não há como negar que mesmo passando por períodos onde esteve menos
DAPesquisa, Florianópolis, v.2, n.4, p. 156-161, 2007.

visível o Grotesco segundo estudos de Victor Hugo existe desde a Antiguidade pré-clássica em exemplos como a Hidra, as Harpias, os Ciclopes entre outros. Esteve presente em diversas épocas como a Idade Média, perde força no Renascimento e volta no Romantismo onde ganha importância com nomes de peso como Shakespeare e Cervantes (grotesco romântico).

Segundo NATALE (2004) *no pré-romantismo e no começo do Romantismo, o grotesco ganha um novo sentido. (...) O grotesco serve então para uma via de expressão da nova visão do mundo de forma subjetiva e individual. E surge uma nova variedade, o romance grotesco (ou negro). (...) O grotesco romântico foi um grande acontecimento na literatura mundial e se expressava contra o racionalismo, o autoritarismo do Estado, aspiração ao perfeito, etc. que são características dos cânones da época clássica e do século XVIII.*

BAKHTIN (2002 , p. 34) sobre o mesmo tema: *o universo do grotesco romântico se apresenta geralmente como terrível e alheio ao homem. O mundo humano se transforma de repente em um mundo exterior. O costumeiro e tranquilizador revelam seu aspecto terrível.*

Após o romantismo passa por uma fase de desinteresse e volta novamente no século XX em duas linhas como cita Anna Natale (2004:22) *a primeira é o 'grotesco modernista' (surrealistas, expressionistas, etc.), a segunda é o 'grotesco realista' (Thomas Mann, Bertolt Brecht, Pablo Neruda, etc.) que retoma as tradições do grotesco medieval.*

Apesar de ser pouco conhecido da grande massa e por muito tempo tenha sido desvalorizado e incompreendido, o Grotesco nos cerca de diversas formas. Ele está em vários vídeos que passam diariamente nos canais de música como Mtv, VH1, Multishow, entre outros. Está nas telas de Marianna Gartner expostas em galerias de arte e museus. Está em livros como *O Império do Grotesco* de Muniz Sodré e Raquel Paiva, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* de Mikhail Bakhtin, *O Grotesco Feminino* de Mary Russo, *O Social Irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia* de Muniz Sodré. Está no cinema em filmes como *Labirinto* de Jim Henson de 1986 e *Labirinto do Fauno* de Guillermo Del Toro de 2006. Na TV aparece na abertura do seriado "The Ghost Whisperer" no canal SONY. Para citar apenas alguns exemplos.

Porém, mesmo o Grotesco sendo tão presente em nossas vidas, os estudos sobre ele ainda são insuficientes comparados à enorme potencialidade que o tema possui. Para minimizar essa lacuna existente, o projeto pretende conhecer e analisar os elementos que caracterizam ou descaracterizam as imagens em grotescas ou não e compreender a construção de significação desses elementos através da leitura do vídeo “O Banquete” de Anna Natale e de outros textos visuais.

Enfim, de forma resumida, pretende-se com o projeto responder à pergunta:

- Quais características estéticas de textos visuais geram conceitos ligados ao que se considera Grotesco em Artes Visuais?

Lembrando que para isso usaremos principalmente a Semiótica como base teórica.

Quanto à metodologia o projeto se divide em duas partes. A primeira será exclusivamente teórica. Para isso a metodologia será: levantamento do material necessário, pesquisas, análise da bibliografia, fichamentos e anotações necessárias.

Para a segunda parte além de revisão bibliográfica sobre semiótica e modelos de leitura de imagem, serão feitas leituras de cada ilustração e do vídeo finalizado e de outros textos visuais, identificando as características estéticas que relacionam as obras ao Grotesco do ponto de vista da Semiótica.

Para isso, será ministrada uma oficina com público diversificado. Serão apresentados os textos visuais no início e no fim da mesma sendo realizados pré e pós-testes que comparados possibilitarão uma análise minuciosa dos resultados.

Referências e bibliografia a ser consultada

BALTRUSAITIS, Jurgis. **Aberrações - Ensaio Sobre a Lenda das Formas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de François Rebelais**. 5a. ed. São Paulo: Hucitec, 2002

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 18a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003

GREIMAS, Algirdas Julien. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo, Cultrix, 1989.

J. LAPLANCHE; J.B. PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. 9a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986

NATALE, Anna. **O Banquete**. (Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade Senac de Comunicação e Artes para obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico) São Paulo, 2004.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de Semiótica Aplicados ao Design**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2003. v. 1. 76 p.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Vontade de Potência**. São Paulo: Ediouro NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo, Annablume, 1999.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari (Coleção Textos Design), 2005. 189 p.

RUSSO, Mary. **O Grotesco Feminino - risco, excesso e modernidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **O Que é Semiótica** (Coleção Primeiros Passos). SAO PAULO: BRASILIENSE, 1983.

SODRÉ, Muniz. **O Social Irradiado – violência urbana, neogrotesco e mídia**. São Paulo: Cortez, 1992.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

Internet

MORAES, Denis. **A hegemonia do grotesco no imaginário da mídia**, disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/denis9.htm> (Acessado em maio de 2007).

BORGES, Bento. **O (mau) gosto e o Grotesco**, disponível em: http://www.psicologia.ufrgs.br/lpa/bento_01.htm (Acessado em maio de 2007).

VOLPATO, Elisa. Disponível em: <http://www.autobahn.com.br/filmes/labirinto.html> (Acessado em maio de 2007).